

HISTIOCITOMA FIBROSO MALIGNO EM LÍNGUA DE CÃO: RELATO DE CASO

DÉBORA BRISOLARA DIAS DE OLIVEIRA¹; VITÓRIA RAMOS DE FREITAS²;
ANNA CAROLINA SCHOLZ OSÓRIO³; LAURA DIAS PETRICIONE DE SOUZA⁴;
LAURA APARECIDA MARTINS DE MORAES⁵; MARLETE BRUM CLEFF⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – dbrisolaradias@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vitoriarfreitass@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – anna.carol.osorio@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – laurapetricione@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – laura_m_moraes@outlook.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – marletecleff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O câncer representa uma condição de elevada incidência em cães, sendo os tumores de pele e seus anexos os mais frequentemente diagnosticados na clínica veterinária (SANTOS et al., 2012). Entre as neoplasias, destacam-se os sarcomas de tecidos moles (STM), um grupo heterogêneo de caráter maligno e origem mesenquimal, que compartilham características clínicas e histopatológicas semelhantes. Dentro desse grupo, o histiocitoma fibroso maligno (HFM) é classificado como um sarcoma pleomórfico com diferenciação parcial de histiócitos e fibroblastos (PESSOA, 2008; DALECK et al., 2016; SILVEIRA et al., 2014).

Embora raro em pequenos animais, o sarcoma pleomórfico apresenta maior prevalência em pele e tecido subcutâneo, com relatos em regiões de membros, contudo, sua ocorrência em estruturas como boca e face é incomum e pouco documentada (PESSOA, 2008; SANTOS et al., 2021; DALECK et al., 2016).

O diagnóstico fundamenta-se na análise histopatológica, a qual possibilita identificar o tipo tumoral e estabelecer sua graduação. O tratamento indicado para esse grupo de neoplasias consiste, predominantemente, na ressecção cirúrgica com margem de segurança, podendo ser associada a métodos de controle local, como radioterapia ou eletroquimioterapia (DALECK et al., 2016; MOREIRA, 2021).

De forma geral, o prognóstico dos tumores orais em cães é desfavorável (BLUME, 2020). Entretanto, a ressecção cirúrgica com margens livres constitui um importante fator preditivo para maior tempo livre de doença. No caso dos sarcomas de tecidos moles, a acentuada infiltração local dificulta a remoção completa da neoplasia, o que frequentemente resulta em pior prognóstico (MOREIRA, 2021).

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de histiocitoma fibroso maligno em língua de um canino, atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPel) um cão, sem raça definida (SRD), macho, castrado, com treze anos de idade, semi-domiciliado, pesando 10,4 kg. O atendimento inicial ocorreu no ambulatório Veterinário Ceval, devido à queixa de lesão recidivante em

região de carpo em membro torácico direito, com impossibilidade de apoio e claudicação.

Para elucidação do diagnóstico, o animal foi internado para realização de exames complementares, incluindo hemograma, perfil bioquímico e exames de imagem, a fim de avaliar sua condição clínica.

Com o intuito de investigar a causa da lesão recidivante em membro, foi indicada a realização de biópsia cutânea. Durante a avaliação pré-anestésica, observou-se a presença de um nódulo na base da língua, motivo pelo qual também foi realizada biópsia incisional nesta região. As amostras coletadas foram encaminhadas ao Serviço de Oncologia Veterinária da UFPel (SOVET), sendo que o exame histopatológico do membro revelou um tumor benigno de bainha perineural associado a intenso infiltrado inflamatório, entretanto a análise da amostra lingual do paciente resultou no diagnóstico de fibrossarcoma.

Diante dos achados, procedeu-se à glossectomia parcial com excisão do nódulo localizado na base da língua, sendo o material encaminhado ao SOVET, o qual resultou no diagnóstico de histiocitoma fibroso maligno (sarcoma pleomórfico) apresentando margens comprometidas.

Com a melhora da condição clínica do paciente após a cirurgia e considerando a inviabilidade do uso de métodos de controle local, como a eletroquimioterapia, optou-se pela alta médica com orientações para retornos periódicos de acompanhamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No atendimento e acompanhamento de pacientes oncológicos, além da avaliação clínica, é fundamental a realização de exames complementares, os quais auxiliam tanto na avaliação do estado geral do animal quanto na detecção de possíveis metástases (DALECK et al., 2016; MOREIRA, 2021). No relato em questão, foram realizados hemograma, perfil bioquímico, radiografia e ultrassonografia abdominal. O hemograma evidenciou anemia, com hematócrito de 28,1% (valores de referência: 36–55%; THRALL et al., 2015). A contagem de reticulócitos permitiu identificar que se tratava de uma anemia regenerativa. Esse tipo de alteração pode ter diversas causas, incluindo fatores nutricionais, sendo comum que quadros anêmicos decorrentes de deficiência nutricional apresentem caráter regenerativo (THRALL et al., 2015). No presente relato, a anemia é possivelmente atribuída aos hábitos de vida do paciente, nos quais o controle nutricional representa um desafio, pois tratava-se de um animal proveniente de tutores em situação economicamente vulneráveis, enquanto a análise bioquímica apresentou resultados dentro dos parâmetros fisiológicos. Na grande maioria dos casos de STM, os animais não apresentam alterações em exames hematológicos e bioquímicos específicos (DALECK et al., 2016), assim como o paciente relatado. Outra possibilidade para justificar a anemia desse paciente, seria dificuldade de alimentação devido a localização do tumor.

Os exames de imagem são amplamente utilizados na investigação de metástases (DALECK et al., 2016) e, nesse caso, não evidenciaram alterações significativas, o que permitiu predizer um maior tempo de sobrevida para esse paciente.

Os STM constituem uma denominação abrangente, empregada para descrever tumores de diferentes origens celulares, mas que apresentam semelhanças em relação ao comportamento clínico e às características histopatológicas (MOREIRA, 2021). No caso relatado, o diagnóstico inicial foi de

fibrossarcoma, estabelecido através da biópsia. A biópsia incisional consiste na coleta de fragmentos teciduais para análise histopatológica, sendo utilizada para determinar o tipo e a graduação de neoplasias como o STM (DALECK et al., 2016; MOREIRA, 2021; PESSOA, 2008). Entretanto, após nova análise realizada a partir da remoção do nódulo, foi finalizado o diagnóstico através do exame histopatológico, confirmado o histiocitoma fibroso maligno. Essa alteração diagnóstica entre os exames ocorreu devido à dificuldade de diferenciação entre as neoplasias que compõem esse grupo (DALECK et al., 2016) a partir de amostras de biópsias, considerando ainda que ambas têm origem em fibroblastos.

Os STM, de forma geral, caracterizam-se pela possibilidade de acometer diferentes regiões do organismo, elevada taxa de recorrência local, potencial metastático por via hematogena e baixa sensibilidade à quimioterapia oncológica (SILVEIRA et al., 2014). Além disso, há uma maior predisposição em cães de meia-idade a idosos (MOREIRA, 2021), assim como observado no presente relato. Apesar dos STM serem frequentes, o histiocitoma fibroso maligno é raramente descrito, especialmente em regiões como a cavidade oral e a língua. Em um estudo retrospectivo, envolvendo casos de neoplasias em pequenos animais, 4,8% dos pacientes apresentaram sarcomas de tecidos moles. Dentro desse grupo, apenas dois casos (3,77%) foram classificados como histiocitoma fibroso maligno (SILVEIRA et al., 2007), reforçando a baixa prevalência dessa neoplasia em pequenos animais.

Uma vez diagnosticada a neoplasia, realiza-se o estadiamento clínico, etapa fundamental para definir prognóstico e orientar o tratamento (MOREIRA, 2021). O sistema TNM avalia o tumor primário (T), os linfonodos regionais (N) e a presença de metástases à distância (M). Os tumores menores que 5 cm são classificados como T1 (T1a é superficial e T1b tumor profundo) e maiores que 5 cm como T2 (T2a superficial, T2b profundo). Quanto aos linfonodos, N0 indica ausência de envolvimento de linfonodos e N1 presença de comprometimento; para metástases, M0 representa ausência e M1 presença. A partir dessas variáveis, os estádios clínicos são estabelecidos de I a IV, considerando também o grau histológico: estágio I (qualquer T, N0, M0, grau histológico I-II); estágio II (T1 ou T2a, N0, M0, grau III); estágio III (T2b, N0, M0, grau III) e estágio IV (qualquer T, N1, qualquer N, qualquer M, M1, graus I-III) (DALECK et al., 2016). No presente caso, após a avaliação do paciente este foi classificado em estadiamento III.

O tratamento de eleição do STM consiste na excisão cirúrgica com margens livres, podendo ser associada técnicas adjuvantes como a eletroquimioterapia e a radioterapia (MOREIRA, 2021; DALECK et al., 2016; SANTOS, 2012; PESSOA, 2008). Em razão da região delicada, de difícil acesso e suscetibilidade à necrose, avaliou-se e considerou a inviabilidade de técnicas locais de tratamento para o paciente relatado.

O prognóstico de pacientes com tumores orais é geralmente desfavorável (BLUME, 2020), sendo o controle local da neoplasia o principal desafio terapêutico. As recidivas locais são mais frequentes nos STM que não foram completamente excisados (SANTOS, 2012), como ocorreu no caso do paciente relatado, uma vez que a base da língua é uma região de difícil acesso e com margens limitadas para remoção cirúrgica. Frequentemente, a recidiva local manifesta-se de forma tardia, o que reforça a necessidade de estabelecer um protocolo de acompanhamento prolongado para o monitoramento adequado desses pacientes (MOREIRA, 2021). Em razão disso, as orientações pós alta do paciente incluíram o acompanhamento clínico regular para monitoramento de sua

condição, além da observação do animal pelo seu tutor e à comunicação imediata em caso de quaisquer alterações.

4. CONCLUSÕES

Os sarcomas de tecidos moles são neoplasias relativamente comuns em pequenos animais, no entanto, o sarcoma pleomórfico é raramente descrito na literatura, especialmente em regiões como cavidade oral e língua. Além disso, não é frequentemente observado na rotina do HCV-UFPel, o que representa um desafio tanto diagnóstico quanto terapêutico. Embora o tratamento de eleição tenha sido instituído no caso descrito, a localização anatômica do tumor impossibilitou a remoção com margens cirúrgicas livres. Dessa forma, ressalta-se a importância da atenção contínua por parte do tutor e do acompanhamento clínico periódico, uma vez que o risco de recidiva é alto para essa neoplasia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUME, G. R. ESTUDO RETROSPECTIVO DE ALTERAÇÕES NEOPLÁSICAS E NÃO-NEOPLÁSICAS DA CAVIDADE ORAL DE CÃES NO DISTRITO FEDERAL. 2020. Tese (Doutorado em Saúde Animal) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Animal, Universidade de Brasília.

DALECK, C. R.; NARDI, A. B. Oncologia em cães e gatos. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

MOREIRA, A. R. C. A. ESTUDO DE FATORES CLÍNICO-PATOLÓGICOS EM CÃES COM SARCOMAS DE TECIDOS MOLES CUTÂNEOS E SUBCUTÂNEOS. 2021. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia Animal) - Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Animal, Universidade Estadual Paulista.

PESSOA, M. Aspectos clínicos, diagnóstico e tratamento dos histiocitomas caninos. **Medicina Veterinária**, [S. I.], v. 2, n. 3, p. 42–53, 2008.

SANTOS, J. M.; SILVA, G. J. S.; DUQUE, P. R. Histiocitoma fibroso maligno em um cão – relato de caso. **Medvet – Revista Científica de Medicina Veterinária – Pequenos Animais e Animais de Estimação**, v. 10, n. 35, p. 90–93, 2012.

SANTOS, N. T. A. et al. Histiocitoma fibroso maligno em plano nasal de um cão: Relato de caso. **Pubvet**, v. 15, p. 168, 2021.

SILVEIRA, M. F.; BONEL, J.; PEREIRA, S. M.; FERNANDES, C. G. Sarcomas de tecidos moles em caninos e felinos: aspectos epidemiológicos e patológicos. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, [S. I.], v. 12, n. 3, p. 157–172, 2014.

SILVEIRA, M. F. et al. Estudo retrospectivo de 63 casos de sarcomas de tecido mole no período de 1980–2005. In: **ENCONTRO DE PÓS GRADUAÇÃO, IX.**, Capão do Leão, 2007.

THRALL, M. A.; WEISER, G.; ALLISON, R. W.; CAMPBELL, T. W. **Hematologia e bioquímica clínica veterinária**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2015.